

Lilith: Da Subversão à Demonização - A Ascensão do Deus Patriarcal

Lilith: From Subversion to Demonization - The Rise of the Patriarchal God

Bárbara Aline Ferreira Assunção [1]

[1] Pesquisadora científica e editora-chefe da RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber. Atua em coordenação editorial, pesquisa científica e ensino superior. Mestranda em Data, Economics, and Development Policy (DEDP) pelo Massachusetts Institute of Technology - MIT. Graduada em Jornalismo e Marketing. Especialização em Docência do Ensino Superior e Tutoria EAD pelo Instituto IBRA.

Resumo

Este estudo investiga a evolução da figura de Lilith ao longo do tempo, desde sua origem no paganismo até sua reinterpretação pelo cristianismo. Reconhecida originalmente como uma deusa associada à fertilidade, à sexualidade feminina e ao poder criativo, Lilith passou por transformações em sua narrativa, refletindo mudanças nas atitudes em relação ao feminino divino e ao poder feminino. O estudo utilizou abordagem metodológica de cunho bibliográfico, para identificar narrativas dominantes, na busca honrar a verdadeira natureza de Lilith como uma deusa que celebra a força e a beleza do feminino.

Palavras-chave: Lilith, paganismo, cristianismo.

Abstract

This study investigates the evolution of the figure of Lilith over time, from her origin in paganism to her reinterpretation by Christianity. Originally recognized as a goddess associated with fertility, female sexuality, and creative power, Lilith underwent transformations in her narrative, reflecting changes in attitudes towards the divine feminine and female power. The study employed a bibliographic methodological approach to identify dominant narratives, aiming to honor Lilith's true nature as a goddess who celebrates the strength and beauty of the feminine.

Keywords: Lilith, paganism, Christianity.

1 Introdução

Este estudo tem como objetivo investigar a evolução da figura de Lilith ao longo do tempo e sua reinterpretação pelo cristianismo, que moldou a sua narrativa de acordo com seus propósitos ideológicos e sociais. Ao mergulhar na história de Lilith dentro do contexto do paganismo, podemos reconhecer sua essência original como uma deusa associada à fertilidade, à sexualidade feminina e ao poder criativo.

No paganismo, Lilith é vista como uma representação do sagrado feminino, uma divindade que personifica a liberdade, a autonomia e a sexualidade feminina. Ela é venerada como protetora das mulheres e guardiã dos mistérios da vida e da morte, cujos símbolos ecoam sua conexão com a natureza, a sabedoria e os ciclos lunares (Damm, 2019).

Entretanto, com a ascensão do cristianismo e sua disseminação, a figura de Lilith foi reinterpretada e demonizada, transformada em um símbolo do mal, uma sedutora e uma tentadora que desafiava a autoridade masculina e o domínio patriarcal. Sua história como a primeira esposa de Adão, que se recusou a se submeter a ele e foi expulsa do paraíso, foi instrumentalizada para reforçar normas sociais e religiosas que limitavam o papel das mulheres na sociedade (Silva, 2021).

1

Como Matheus Neto, José Costa e Regina Ribeiro (2008) observam o estabelecimento da sociedade patriarcal provocou a reestruturação de vários mitos, incluindo o de Lilith. Nessa nova cultura, as deusas veneradas pelos povos gradualmente foram suprimidas, dando lugar ao culto ao Pai Todo-Poderoso.

Essa transformação de Lilith reflete as mudanças nas atitudes em relação ao feminino divino e ao poder feminino ao longo da história, assim como as tentativas de suprimir e controlar a sexualidade e a autonomia das mulheres. Ao revisitar a história de Lilith no contexto do paganismo, buscamos desafiar essas narrativas dominantes e honrar sua verdadeira natureza como uma deusa que celebra a força e a beleza do feminino.

2.1 Omitindo Lilith: Como a Bíblia Transforma Mitos em Monstros

No Antigo Testamento, há uma menção sobre Lilith. O profeta Isaías, no capítulo 34, versículos 13 e 14, descreve a visão da destruição dos inimigos de Sião. O texto relata a ascensão de espinheiros e urtigas nos palácios e fortificações, tornando-se um habitat para criaturas como chacais e avestruzes. É neste contexto que o profeta menciona Lilith, sugerindo que ela encontrou ali um lugar de descanso (Is 34.13-14). Esta passagem coloca Lilith em destaque no juízo das nações durante o apocalipse. Nas traduções modernas, como na Bíblia de Jerusalém, a palavra “Lilit” é mantida, enquanto na tradução de João Ferreira de Almeida é substituída por “fantasmas”, sugerindo sua associação com demônios noturnos (Rossi; Da Silva, 2022).

Na literatura ugarítica, Lilith era objeto de culto e invocada como “nossa senhora”, título também atribuído à deusa Ishtar da Babilônia. É possível que o profeta Isaías estivesse se referindo aos demônios noturnos das culturas pagãs. Uma hipótese sugere que animais noturnos eram vistos como demônios, e Lilith pode ter sido associada a um desses animais e posteriormente demonizada (Silva, 2021).

Outra passagem no Livro de Isaías, capítulo 2, versículo 18, levanta discussões. O verso afirma que “todos os ídolos desaparecerão”. Aqui, a palavra “elilim”, que significa ídolos, pode ser interpretada de forma pejorativa. Há uma proposta de que a palavra “kalil” seja interpretada como “como Lilith”, sugerindo uma conexão entre a desaparecimento dos ídolos e Lilith (Is 2.18).

No Livro de Josué, encontramos a história de Raabe, uma prostituta cujo papel é fundamental na genealogia do rei Davi, ancestral do Messias. Neste contexto, Raabe personifica a natureza sensual atribuída a Lilith. Apesar dos estigmas sociais associados à prostituição, Raabe desempenha um papel significativo na história do povo de Israel (Schmitt, 2016).

De acordo com Koltuv (2017), os cabalistas descrevem Lilith como uma sedutora, associando-a à prostituição e à tentação dos homens por caminhos tortuosos. Ela é retratada como a Mulher Estrangeira, personificando a doçura do pecado e a língua má. Apesar de ser uma das profissões mais antigas da humanidade, as prostitutas sempre foram estigmatizadas, vistas como impuras e relegadas a uma posição marginal pela sociedade.

Vale salientar que foi através da ajuda de uma prostituta estrangeira que os hebreus conquistaram a terra de Canaã, já habitada por outros povos. Raabe, corajosa e destemida, arriscou sua vida e de sua família ao colaborar com o povo inimigo. Seu espírito destemido ecoava o da figura de Lilith (Rossi; da Silva, 2022).

A força de Raabe foi tão grande que, além de abrigar espiões, ela se casou com Salmom, filho de Naassom, príncipe da Tribo de Judá, um dos fundadores da cidade de Belém (1Cr 2.51,54). Da união de Raabe e Salmom nasceu Boaz, que se casou com Rute, uma moabita convertida ao judaísmo. Boaz, por sua vez, foi avô do rei Davi, uma das figuras mais proeminentes de Israel (Silva, 2022).

No folclore hebreu medieval, uma lenda sugere que o livro de Gênesis narra a criação simultânea de duas mulheres. Enquanto muitos estudiosos interpretam que a mulher foi criada depois do homem, a passagem em Gênesis 1.27 pode ser interpretada de maneira diferente. O termo “homem” pode ser entendido no sentido de “humanidade”, englobando tanto homens quanto mulheres. Nessa perspectiva, essa mulher inicial mencionada em Gênesis 1.27 poderia ser associada a Lilith, que, ao contrário de Eva, foi criada com o homem, da mesma matéria-prima. No entanto, ao longo do tempo, a figura de Lilith foi apagada da história pelos compiladores da Bíblia (Silva, 2022)

2.2 Lilith: Entre Mitos, Demônios e Perseguições

O paganismo tem suas raízes entrelaçadas com as práticas espirituais e religiosas das antigas culturas que reverenciavam divindades da natureza, espíritos ancestrais e forças cósmicas. Essas tradições pré-cristãs estavam presentes em diversas partes do mundo, desde as sociedades tribais até as civilizações mais desenvolvidas da Antiguidade, abrangendo o antigo Egito, Mesopotâmia, Grécia, Roma, Europa pré-cristã, Ásia e América pré-colombiana (Faur, 2021).

As culturas pagãs estabeleciam uma conexão com a terra, os ciclos naturais e os elementos da natureza, permeando diversos aspectos da vida cotidiana (Damm, 2019). Seus rituais e práticas envolviam celebrações sazonais, veneração aos antepassados e reverência aos deuses e deusas associados à fertilidade, colheita, caça, guerra, amor e outras facetas da existência humana.

De acordo com Assunção (2024), as deusas são vistas como personificações das forças naturais,

destacando a natureza como a fonte primordial de poder na bruxaria e em outras expressões espirituais. A jornada simbólica da alma feminina é interpretada como um caminho de autodescoberta e reconexão com o “Self”, o núcleo essencial do ser.

O paganismo é fundamentado na espiritualidade humana e na busca por uma compreensão mais profunda do mundo natural e das forças que o regem. Ao longo da história, o paganismo se desenvolveu e se adaptou conforme as mudanças sociais, culturais e políticas, mas sua essência permaneceu a mesma: uma religião que valoriza a interconexão entre os seres humanos, a natureza e o divino (Fróes, 2023).

A figura mitológica de Lilith não é exclusiva do período medieval, mas remonta a épocas antigas. Ela é descrita como uma força contrária, um contrapeso à bondade e masculinidade de Deus, presente em diversos mitos ao longo do tempo. Na Idade Média, a figura de Lilith se materializou no símbolo da bruxa, levando muitas mulheres a serem rotuladas como tal e a sofrerem perseguições pela Santa Inquisição (Silva, 2021).

Autores como Sicuteri (1998) destacam que mulheres solteiras com animais de estimação, especialmente gatos, eram acusadas de bruxaria, enquanto outras eram culpadas até mesmo por supostos encontros sexuais com demônios. Essas mulheres, em sua maioria pertencentes à camada popular da sociedade, eram torturadas até confessarem crimes que nunca cometeram. O mito medieval de Lilith a associava à caça de recém-nascidos e crianças não batizadas, gerando medo e suspeita generalizada.

Como medida de proteção, os pais realizavam rituais, como o uso do amuleto de Arslan Tash, para proteger os recém-nascidos da influência de Lilith. A duração do uso do amuleto variava de acordo com o gênero da criança, sendo 8 (oito) dias para meninos e 20 dias para meninas (Silva, 2022).

A palavra hebraica “lilith”, também conhecida como “lilita” em aramaico, tem suas primeiras aparições registradas em um fragmento de uma versão suméria da Epopeia de Gilgamesh, traduzida, anotada e publicada por Samuel N. Kramer. Este texto remonta ao período Isin Larsa (1950-1700 a.C.), mas acredita-se que o original seja ainda mais antigo, com uma possível datação por volta de 4000 a.C. Lilith, sob o nome de “Lilitu”, era descrita como um demônio feminino de hábitos noturnos, associado ao vento. Ao longo do tempo, essa figura mitológica assumiu diversos simbolismos em diferentes culturas (Faur, 2021).

Na mitologia babilônica, Lilith é equiparada à deusa Lilitû. O mito de Lilitû passou por várias transformações, com sua natureza divina sendo alterada para a de um espírito noturno e solitário. Lamashtû e Ishtar são duas deusas babilônicas que se relacionam com Lilith, compartilhando algumas de suas características. Lamashtû, por exemplo, acompanhava mulheres em trabalho de parto, enquanto Ishtar era conhecida por sua sedução e desvio dos homens. Essas semelhanças entre as deusas influenciaram o mito de Lilith, refletindo os anseios das pessoas diante de situações inexplicáveis.

Na cultura judaica, Lilith está associada a espíritos malignos e à subversão. Já na tradição egípcia e greco-romana, Lilith é vista como a Lua Negra, um símbolo de destruição e obscuridade. Na mitologia egípcia, ela é representada por Ísis, esposa de Osíris, enquanto na grega, é associada a Hécate, a deusa dos infernos, que, por sua vez, é simbolizada pela Lua Negra e é conhecida como a “Rainha da Noite”.

Outra figura da mitologia grega que se assemelha a Lilith é a Lâmia, um tipo de vampiro representado como uma mulher jovem de cabelos escuros, com uma natureza híbrida de mulher e serpente. Assim como Lilith, a Lâmia é conhecida por devorar crianças e seduzir homens para sugar-lhes o sangue até a morte. Ambas as figuras compartilham a característica de subir sobre os homens para seu próprio prazer e poder, como observa Koltuv (2017). Essas narrativas míticas revelam as múltiplas interpretações atribuídas à figura de Lilith ao longo dos séculos.

2.3 Lilith: A Primeira Mulher de Adão

A história de Lilith como a primeira mulher de Adão é uma narrativa que se originou no contexto do judaísmo e foi adotada e adaptada pelo cristianismo (Fróes, 2023). Essa história foi instrumentalizada para promover a submissão feminina e reforçar os papéis de gênero tradicionais, retratando Lilith como um exemplo negativo de feminilidade independente e desafiadora (Silva, 2021).

3

Segundo Koltuv (2017), Lilith é concebida como a companheira de Adão, criada simultaneamente a ele, ambos feitos da mesma matéria prima. Enquanto Adão foi moldado do pó da terra, Lilith foi formada de sujeira e sedimentos, uma representação simbólica de sua origem diferente e desigual. Na narrativa, Lilith é descrita como coberta de sangue e saliva, sugerindo uma associação com o ciclo menstrual e os fluidos corporais femininos.

Na tradição judaico-cristã, Lilith é retratada como uma figura rebelde que se recusa a se submeter a Adão e é expulsa do paraíso por causa disso. Ela é representada como uma mulher forte e independente, que

desafia a autoridade masculina e não aceita ser dominada (Faur, 2021). Os relatos judaicos descrevem Lilith como uma figura que discordava de Adão e rejeitava a ideia de uma posição sexual inferior. Sua insubordinação culmina em sua rebelião e fuga para o Mar Vermelho, onde ela ganha independência de Adão.

Conta Rodrigues (2007), que a rejeição de Lilith em permanecer “por baixo” durante o intercuro sexual é interpretada como um desejo de controle e domínio, tanto sexual quanto social, por parte dos homens. Assim, foi transformada em um ser demoníaco, associada à prostituição e ao submundo, após casar-se com Samael, o Senhor das forças do mal.

Na perspectiva de Vieira (2020), Lilith e Samael são vistos como um par profano que se opõe ao par sagrado Tif'eret (Piedade) e Shekhinah (habitação de Deus). Dessa união profana surgiram os Lilim, uma série de demônios noturnos. Essas narrativas míticas refletem as complexidades das relações de gênero e o confronto entre as visões patriarcais e a feminilidade representada por Lilith.

Vieira (2020, p. 38) propõe que “Lilith e Shekhinah seria manifestações do feminino divino, mas enquanto Shekhinah representaria o aspecto benevolente do divino, Lilith seria sua expressão profana ligada ao mal”. Com o exílio babilônico, segundo a tradição, Shekhinah desceu à Terra para habitar com o povo de Israel, deixando assim um espaço vago no divino que Lilith veio a ocupar, tornando-se a esposa de Deus. No entanto, quando o Messias chegar para resgatar seu povo, Shekhinah retomará seu lugar ao lado de Deus (Rossi; da Silva, 2022).

Segundo Silva (2022), “Se Shekhinah é a mãe de Israel, então Lilith é a mãe da apostasia de Israel”. Desse modo, Lilith emerge como uma figura pioneira do feminismo, simbolizando rebeldia, independência e resistência contra o sistema patriarcal.

De acordo com a lenda, Lilith se rebelou e pronunciou o nome santo de Deus, adquirindo um poder sobrenatural que a levou a fugir do Jardim do Éden. Os relatos populares contam que Deus enviou três anjos para trazê-la de volta, encontrando-a à beira do Mar Vermelho. No entanto, Lilith recusou-se a retornar e foi amaldiçoada pelos anjos, tornando-se a mãe dos demônios, condenada a dar à luz cem demônios por dia (Silva, 2021). Para corrigir o erro, Deus criou Eva como uma substituta para Lilith, a fim de ser a nova companheira de Adão. Para evitar que Eva reivindicasse igualdade com Adão, como Lilith havia feito, Deus a criou a partir da costela de Adão.

2.4 Lilith e Eva: Dualidade Feminina na Tradição Judaico-Cristã

A criação de Eva teve como objetivo substituir o arquétipo da mulher sedutora, perversa e demoníaca, representado por Lilith, pelo arquétipo da mulher pura, boa e submissa. Conforme observa Laraia (1997, p. 153), “Eva, porém, à sua maneira, repetiria o gesto de rebelião de sua antecessora”. Nicolitto (2004, p. 119) acrescenta que “Eva é considerada pecadora duas vezes: contra Deus e contra o homem, e obteve dupla pena: dor física e sujeição ao masculino”.

Embora Lilith e Eva possam parecer opostas, na verdade, elas se entrelaçam em uma narrativa mais ampla. Lilith personifica a sexualidade depravada, enquanto Eva é responsabilizada pelo advento do pecado e do sexo no mundo. Nesse contexto, a Virgem Maria emerge como o aspecto benéfico do feminino, em contraposição a Lilith/Eva (Silva, 2021).

Eva, assim como outras figuras femininas da mitologia judaico-cristã, incorpora as características eróticas das deusas pagãs, marcadas pela sexualidade, beleza e curiosidade. Ela é equiparada a Pandora, sendo vista como o flagelo e o castigo do homem, responsável pelo surgimento do mal na Terra (Silva, 2018).

Enquanto Maria personifica um modelo idealizado do feminino, Eva é retratada como a pecadora, a face perigosa e ctônica da Deusa, com suas associações simbólicas aos olhos de serpente e à maçã (Silva, 2022). Essas narrativas refletem as complexas percepções culturais sobre o papel da mulher na sociedade e na religião.

2.5 Lilith e a Demonização do Sagrado Feminino: Marginalização, Sexualidade e Papel na Sociedade

Nas interpretações pagãs, Lilith é reverenciada como uma deusa primordial, uma expressão da energia feminina selvagem e não domesticada que permeia todas as mulheres. Ela é vista como uma protetora das mulheres e uma defensora da igualdade de gênero, desafiando as normas patriarcais e incentivando as mulheres a se libertarem de qualquer forma de opressão (Matheus Neto, Costa; Ribeiro, 2020).

Para muitas mulheres, especialmente aquelas criadas em ambientes cristãos, as narrativas sobre Lilith

e outras deusas podem ser vistas como demoníacas ou negativas, tornando-se desafiadoras de contestar, se internalizadas desde a infância. Na tradição pagã, Lilith é considerada uma figura divina poderosa, representando diversos aspectos do sagrado feminino. Ela é adorada como uma grande mãe ou uma guardiã dos mistérios femininos. No entanto, muitas mulheres foram ensinadas a conformar-se com papéis de gênero tradicionais e a seguir as normas estabelecidas pela sociedade patriarcal, o que pode resultar em uma visão negativa de figuras femininas como Lilith (Poyaes, 2019).

A internalização de estereótipos de gênero negativos pode levar as mulheres a se verem como menos capazes ou poderosas do que os homens, perpetuando a ideia de que mulheres fortes e independentes, como Lilith, são ameaçadoras ou demoníacas. Além disso, a falta de exposição a outras perspectivas ou informações que desafiem as crenças tradicionais sobre Lilith pode limitar a capacidade das mulheres de questionar e reavaliar suas visões (Silva, 2021).

Apesar disso, muitas mulheres estão buscando uma conexão com o sagrado feminino, questionando crenças antigas e explorando novas interpretações da espiritualidade feminina, o que pode envolver desafiar narrativas estabelecidas sobre Lilith e outras deusas (Damm, 2019).

A história da demonização de Lilith pelo cristianismo reflete mudanças nas atitudes em relação ao poder feminino e à sexualidade ao longo do tempo, destacando a importância de reexaminar e reinterpretar essas narrativas à luz de perspectivas contemporâneas (Matheus Neto, Costa; Ribeiro, 2020).

2.6 Símbolos de Lilith

Na mitologia pagã, Lilith é conectada a diversos símbolos que expressam aspectos de sua natureza e poder. Alguns desses símbolos incluem:

- **Coruja**

Lilith é relacionada à coruja, um pássaro predatório e noturno que simboliza voo e terrores noturnos (Candido, 2012). Sicuteri (1998) destaca que a tríplice deusa lunar pode ser identificada com figuras de significados opostos, ampliando o sentido do mitologema da Lua, da fase “cheia” à “negra”, e da mulher, desde uma postura benévola até uma vingativa, castradora e ameaçadora.

Koltuv (2017) aponta que a coruja é associada à imagem de Lilith como um ser noturno e sábio, vinculado à lua. A coruja, símbolo de sabedoria, mistério e visão noturna, representa a conexão de Lilith com esses aspectos.

- **Serpente**

A figura da serpente está ligada ao arquétipo de Lilith em várias culturas. Silva (2022) menciona exemplos como Hécate, a deusa da Lua Escura, e Istar, ambas representadas com cobras, associando o falo a essa adoração à deusa Lua.

Hernandes (2018) destaca que a serpente representa seu corpo, a energia emanada por seu movimento sinuoso, transcendendo limites físicos e influenciando o mundo ao seu redor. Essa energia é simbolizada por espirais, videiras, árvores em crescimento, estalagmites e falos, representando a continuidade da vida e a conexão com o mundo inferior. A serpente é também associada à fertilidade, renascimento e sabedoria oculta, refletindo a ligação de Lilith com esses aspectos da vida e da espiritualidade.

Hernandes (2018) menciona que na Epopeia de Gilgamesh, Lilith é descrita como um “demônio alado”, associada à serpente, à coruja e à árvore, representando aspectos primordiais da Deusa-Pássaro. Pires (2008) interpreta a serpente como o princípio espiritual, da gnose do conhecimento ou da consciência, libertando o homem e a mulher da ignorância. Porém, na visão androcêntrica, Lilith é muitas vezes retratada como maligna, como exemplificado pela imagem de uma árvore cercada por um ouroboros, símbolo do ciclo universal (Hernandes, 2018).



Figura: Ouroboros. Fonte: <https://abruxadafloresta.blogspot.com/2010/10/lilith-lua-negra.html>

Vieira (2020) questiona a narrativa bíblica tradicional, sugerindo que a serpente, identificada com o mal, poderia na verdade ser Lilith disfarçada, tentando despertar Eva para o conhecimento do mundo.

- **Maçã**

A associação de Lilith com a maçã é uma tradição que remonta à narrativa judaico-cristã, porém, é um elemento significativo também em certos círculos da mitologia pagã, simbolizando conhecimento, tentação e poder feminino (Fróes, 2023). Na tradição judaico-cristã, a maçã figura na queda do homem, colocando a mulher em uma posição desfavorável: Eva desobedece ao Criador ao comer o fruto proibido, representado pela maçã, tornando-se uma figura maldita, e induzindo Adão a cometer o mesmo erro. Lilith é associada à indução de Eva ao pecado da desobediência ao comer a maçã (Silva, 2018).

Representações de Lilith a mostram segurando uma maçã, como no relato do Jardim do Éden, onde ela se metamorfoseia em serpente para persuadir Eva a comer a fruta do conhecimento. Sua intenção não era vingança, mas sim instigar uma conexão entre mulheres, na esperança de que Eva, ao comer a maçã, ganhasse discernimento sobre Adão e sobre si mesma, rompendo com a submissão cega (Silva; Gomes, 2020).

- **Lua Negra**

O símbolo da meia lua com uma cruz pode representar a dualidade de Lilith, unindo elementos da lua (feminino, intuição, mistério) com a cruz (símbolo cristão associado à vida, morte e renascimento), simbolizando sua ligação com luz e escuridão, céu e terra, e outros aspectos contrastantes de sua natureza (Faur, 2021).

Segundo Koltuv (2017), no Zohar, a origem de Lilith está ligada à mitologia lunar. Deus teria criado o Sol e a Lua iguais, mas não se sentiram confortáveis juntos, levando Deus a ordenar à Lua que se tornasse menor, o que a deixou humilhada. Ao se afastar do Sol, sua luz diminuiu e cascas se formaram, das quais Lilith nasceu.

Assim, pela primeira vez, a intervenção divina limitou a liberdade de Lilith e sua personalidade se desenvolveu a partir do ressentimento lunar, tornando-a ardente, sombria e noturna (Matheus Neto; José Costa; Regina Ribeiro, 2020).

2.7 Deus masculino? Pelo amor da Deusa

As religiões pagãs tradicionais, uma vez matriarcais ou marcadas pelo equilíbrio entre divindades masculinas e femininas, sofreram uma gradual substituição pelo monoteísmo cristão, onde impera o patriarcado de um Deus masculino. Nas antigas civilizações, como as mesopotâmicas, egípcias e gregas, as divindades femininas detinham papéis vitais na mitologia e na religião, sendo a deusa mãe reverenciada como a criadora de todas as coisas, associada à fertilidade, ao nascimento e à vida (Balieiro, 2020).

Contudo, com o advento do cristianismo e sua disseminação pelo Império Romano, observou-se uma

mudança nessa dinâmica. O cristianismo trouxe consigo a concepção de um Deus único e masculino, uma figura patriarcal que assumia o papel de criador supremo.

Tal transformação refletiu uma evolução teológica, e uma reconfiguração nas estruturas de poder e nas relações de gênero na sociedade. À medida que o cristianismo ganhava influência, as antigas divindades femininas foram marginalizadas, e suas características ligadas à criação e à fertilidade foram transferidas para o Deus masculino.

Essa transição foi acompanhada por uma reinterpretação da mitologia e da cosmogonia, na qual as figuras femininas foram relegadas a papéis secundários ou mesmo demonizadas. Lilith, que nas tradições pagãs era vista como uma deusa da fertilidade e da criação, mas foi transformada em um símbolo do mal e da tentação no cristianismo (Silva, 2022).

A figura de Lilith representa uma cisão no arquétipo da Grande Mãe, sendo projetada na lua como seu lado negro, tanto um demônio terrestre quanto uma divindade celeste. Esse paradoxo é enfatizado por Sicuteri (1998), que ressalta sua dualidade entre ser maligno terrestre e divindade astral, vinculada à Lua Negra. Representações de Lilith a retratam como uma figura vingativa, dotada de algum poder sobrenatural, associada à meia idade ou mais velha, buscando atrapalhar a trajetória do casal protagonista, Adão e Eva (Matheus Neto; José Costa; Regina Ribeiro, 2020).

Nos textos bíblicos e, sobretudo, nas obras posteriores dos bispos da Igreja, a mulher/Eva é equiparada a uma “chama voraz”, seu ventre comparado a uma “fornalha incansável” (Silva, 2021). Nesse contexto, a mulher é descrita como a raiz do mal e do vício, levando à associação pejorativa com termos como “meretriz” ou “prostituta” (Matheus Neto; José Costa; Regina Ribeiro, 2020).

Essa mentalidade, marcada pelo maniqueísmo e pela busca da salvação na vida após a morte, contribuiu para uma fragmentação do arquétipo da Deusa Mãe. Ela deixa de ter múltiplas faces que conjugam aspectos positivos e negativos e passa a ser dividida em duas: a Mãe, vista como boa e virgem, e a fêmea, associada ao mal e à prostituição.

Nesse contexto, os poderes geradores atribuídos à Deusa Mãe são transferidos para o masculino, para o Deus Pai, que passa a gerar a vida não mais da matéria, mas do verbo e do espírito. O mundo ctônico, antes governado pela Deusa Mãe, torna-se regido por uma nova entidade: Satã, que domina a matéria, o desejo e o sexo. Esses elementos, que outrora eram vistos como positivos junto à Deusa, passam a ser considerados anti-valor, impedindo a ascensão espiritual rumo ao Pai e ao paraíso (Balieiro, 2020).

Nessa nova distribuição de poderes, a imagem ambígua da Deusa, e do feminino em geral, oscila entre se aproximar e se afastar de ambos os Senhores. Enquanto Mãe, mas destituída de todos os aspectos femininos e, portanto, humanos, ela se assemelha a Deus, personificada na figura da Virgem Maria, um ideal feminino inalcançável (Fernandes et al., 2023).

Por outro lado, enquanto fêmea, desejante e desejada, ela é Eva, a companheira do Diabo. Apesar de suas duas faces estarem sujeitas ao domínio de um Senhor, elas não se fixam nesse papel. O culto privado à Deusa resistiu até o século XII, persistindo em ritos realizados nos bosques, e sua presença permaneceu viva no imaginário europeu, através dos contos maravilhosos, que mesclam elementos pagãos e cristãos (Poyaes, 2019).

Enquanto o conto maravilhoso oscila entre a transformação e o ponto de ruptura, ocultando a figura da Deusa Mãe nas vestes negras da bruxa e a fazendo-a visível na graça e na beleza da jovem heroína, o romance cor-de-rosa tende ao ponto de ruptura, a Deusa bela e terrível, transforma-se em virgem submissa e pura. A nudez fecunda da Deusa não é mais coberta por joias e véus que velam seu poder; nos romances, as formas da Deusa tornam-se diabólicas e, para não corromperem o mundo e as próprias jovens, elas devem ser ocultas sob as vestes pesadas dos colégios religiosos. A beleza luxuriante da Deusa cede lugar à beleza neutra, branca da mulher mãe de família, próxima de Maria; a determinação e a ira dão lugar à face angelical e passiva (Marquetti, 2010).

7

Portanto, podemos ver como o cristianismo buscou apagar a figura da deusa mãe como criadora de tudo, substituindo-a pela imagem de um Deus masculino e reforçando assim as estruturas patriarcais na religião e na sociedade (Fróes, 2023). Essa mudança transformou as crenças religiosas e teve um impacto nas percepções e nas relações de gênero ao longo da história.

A ascensão do cristianismo e a supressão das antigas divindades femininas estavam ligadas à manutenção do patriarcado e ao controle sobre as mulheres (Damm, 2019). O Império Romano, ao adotar o cristianismo como religião oficial, viu nessa nova fé uma oportunidade de consolidar o poder masculino e reprimir qualquer forma de matriarcado que pudesse desafiar a estrutura de poder existente.

Ao demonizar as figuras femininas e rebaixar a importância das deusas na cosmogonia e na religião,

o cristianismo contribuiu para a desvalorização das mulheres na sociedade, relegando-as a papéis subalternos e subjugando-as à autoridade masculina. Essa estratégia visava consolidar o controle patriarcal sobre todos os aspectos da vida, incluindo a esfera religiosa, política e social (Silva, 2021).

Além disso, a desconstrução do matriarcado e a supressão da figura da deusa também serviram para reforçar a ideia de que as mulheres eram inferiores aos homens e deviam estar submissas a eles. Ao promover a imagem de um Deus masculino e associar a divindade à autoridade e ao poder, o cristianismo legitimou e perpetuou as hierarquias de gênero que ainda persistem em muitas sociedades até os dias de hoje (Fernandes et al., 2023).

Portanto, a desconstrução do cristianismo junto com o Império Romano, pode ser considerada uma estratégia para manter as mulheres sob rédeas e assegurar a dominação masculina na sociedade. Essa história nos mostra como as religiões e as estruturas de poder estão entrelaçadas e como foram usadas para perpetuar determinadas ideologias e relações de poder ao longo da história (Fróes, 2023).

Conclusão

Ao refletir sobre a intenção por trás do assassinato gradual do matriarcado ao longo dos anos, deparei-me com a brutalidade de um silenciamento persistente imposto às mulheres. Desde a ascensão do cristianismo ao poder, testemunhamos esse calar, disfarçado sob o véu da religião, mas que, se revela como uma instituição política.

As mulheres foram castradas, silenciadas, e violentadas em nome de uma pseudo-religião cujo propósito era dominar e subjugar. Algumas mulheres despertam desse estado de opressão, são as chamadas “lobas”, aquelas que anseiam pela liberdade selvagem da mulher caçadora. Contudo, são poucas, pois muitas optam por permanecer com as vendas sobre seus olhos. Embora suas mãos já não estejam amarradas e seus corpos não sejam mais queimados em fogueiras, ainda assim, não conseguem se despir dessa opressão.

O ápice desse despertar é quando a loba encontra força e inspiração no sagrado feminino, desafiando os conceitos estabelecidos pela sociedade sobre o que é considerado moralmente aceitável. Quando uma mulher decide resgatar sua Lilith interior, nenhum medo a detém, e ninguém tem poder sobre ela.

Referências

ASSUNÇÃO, Bárbara Aline Ferreira. Universalismo e Tradições Celtas na Busca Humana por Significado. RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber, Brasil, v. 1, n. 1, 2024. DOI: 10.51473/rcmos.v1i1.2024.451. Disponível em: <https://submissoesrevistacientificaosaber.com/index.php/rcmos/article/view/451>. Acesso em: mar. 2024.

BALIEIRO, Cristina. O Legado das Deusas (com baralho), v. 2. BOD GmbH DE, 2020.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. Edição Revista e Corrigida.

CANDIDO, Maria Regina [org.] Mulheres na Antiguidade: Novas Perspectivas e Abordagens. Rio de Janeiro: UERJ/NEA; Gráfica e Editora-DG Ltda, 2012. p. 175-189.

DAMM, Camila Goos. As Deusas dos Ramos e o Sagrado Feminino. 2019.

FAUR, Mirella. Círculos sagrados para mulheres contemporâneas: práticas, rituais e cerimônias para o resgate da sabedoria ancestral e a espiritualidade feminina. Editora Pensamento, 2021.

FERNANDES, Marcelle Anacleto et al. Com a palavra, as mulheres: a representação da emancipação feminina nas obras de Sylvia Orthof. 2023.

FRÓES, Fadja. Memória e violência contra a mulher: o feminicídio como último ato da dominação masculina. Editora Dialética, 2023.

HERNANDES, Therezinha Maria. A montanha de vidro e o feminino: do poder ao desvanecimento. 2018.

KOLTUV, Barbara Black. O livro de Lilith: o resgate do lado sombrio do feminino universal. São Paulo: Cultrix, 2017.

LARAIA, R. de B. Jardim do Éden revisitado. Revista de Antropologia, [S. l.], v. 40, n. 1, p. 149-164, 1997.
MARQUETTI, Flavia R. Lábios de maçã: um perfil para o feminino. Revista Ártemis, v. 11, 2010.

MATHEUS NETO, Romão; JOSÉ COSTA, Leonardo; REGINA RIBEIRO, Regiane. A desobediência de Lilith: representações do mito da primeira mulher na animação Paranorman. Revista Fronteiras, v. 22, n. 2, 2020.

NICOLITTO, Leila Cristina Fajardo. Adélia Prado e o diálogo com mulheres bíblicas. Dissertação (Mestrado em Letras) – UNESP. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2004.

POYAES, Ana Luiza Magalhães et al. O oblívio de uma fada: o apagamento de Morgana n’A Demanda do Santo Graal. 2019.

PIRES, Valéria Fabrizi. Lilith e Eva: imagens arquetípicas da mulher na atualidade. São Paulo: Summus, 2008.

RODRIGUES, Cátia Cilene Lima. Lilith e o arquétipo do feminino contemporâneo. In: Ética, religião e expressão artística. Anais do III Congresso Internacional de Ética e Cidadania. 2007.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano; DA SILVA, Valmor. Anjos e Demônios na Bíblia. Paulus Editora, 2022.

SCHMITT, G. O mito de Lilith: entre deuses e demônios. CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 4., 2016, São Leopoldo. Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, v. 4, 2016. | p.453-460

SICUTERI, Roberto. Lilith: A Lua Negra. Tradução: Norma Telles e J. Adolpho S. Gordo. 3. ed. São Paulo; Paz e Terra, 1998.

SILVA, Simone Amaral da. Fihas de Lilith: Desmistificando o Mito da Inferioridade Feminina / Simone Amaral da Silva. – Rio de Janeiro, 2022. 74f. Orientadora: Karla Louise de Almeida Petel. Monografia (graduação em Letras habilitação Português- Hebraico) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras. Bibliografia: f. 73-74.

SILVA, Aline Layane Souto da. Lilith e Medeia: mulheres-pesadelo da sociedade patriarcal. 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SILVA, R. P. da; GOMES, A. R. Testamento Vaginal Deixado Por Lilith: Corpo, Performance & História A Partir Da Obra Feminista De Carolee Schneemann. Revista Territórios E Fronteiras, 13(1), 218–241. 2020. <https://doi.org/10.22228/rtf.v13i1.1020>

SILVA, Cheyenne Fernandes. Imagens do feminino na obra “As filhas de Lilith” de Cida Pedrosa. Recife, 2018. 124 f.: il., fig. Orientadora: Maria do Carmo de Siqueira Nino. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2018.